



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

RAYSSA BARBOSA DE ANDRADE

**FILOSOFIA E MEIO AMBIENTE: UMA REFLEXÃO ACERCA DO PENSAMENTO
ÉTICO DE HANS JONAS**

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

RAYSSA BARBOSA DE ANDRADE

**FILOSOFIA E MEIO AMBIENTE: UMA REFLEXÃO ACERCA DO PENSAMENTO
ÉTICO DE HANS JONAS**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo – apresentado ao Programa de
Graduação de Licenciatura em
Filosofia – UEPB – como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Ms. Wandemberg
de Oliveira Coelho

**CAMPINA GRANDE- PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A883f Andrade, Rayssa Barbosa de
Filosofia e meio ambiente [manuscrito] : uma reflexão acerca
do pensamento ético de Hans Jonas / Rayssa Barbosa de Andrade.
- 2016.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Wandenberg de Oliveira Coelho,
Departamento de Filosofia".

1.Filosofia. 2.Meio Ambiente. 4.Ética. 5.Ética ambiental. I.
Título.

21. ed. CDD 179.1

**FILOSOFIA, E.F.
DE**

1. INTRODUÇÃO

de Curso apresentado
na Universidade de
São Paulo, Faculdade de
Educação, com
o objetivo de proporcionar

1. INTRODUÇÃO

Dedico este trabalho aos meus avôs paternos e maternos, Lourival e Josefa, João Honório e Maria Farias, “*In Memoriam*”. Aos meus pais Rinaldo e Maria José, meu irmão Railton, meus sobrinhos Mateus e Rafaella.

AGRADECIMENTOS

Chegou o dia que eu tanto me preparei e sonhei, e só resta agora festejar e agradecer a todos que sonharam junto comigo!

Em primeiro lugar ao grande DEUS, que nunca me deixou mesmo sendo eu tão desmerecedora Ele derramou sobre mim chuvas de graça, amor e misericórdia. Maria Santíssima que sempre intercedeu por mim, que sejamos todos nos firmes em transmitir a todos esse amor.

Pai e Mãe, ninguém em minha vida nunca terá tamanha importância como vocês, que sonharam todo isso junto comigo, batalharam e me deram a condição em todos os sentidos para todo isso ser possível, e quando o sono chegava era de vocês que eu lembrava.

Railton Barbosa, meu amado irmão, meu exemplo de determinação para enfrentar o mundo mesmo quando tudo estava contra nossos sonhos sonhamos juntos, e juntos estaremos para comemorar essa conquista que não é minha é nossa!

Aos queridos amigos, Silmara, Jéssica, Gilvaneide, Gildevanio, Brunno Fonseca, Rosevânio de Britto, que estavam comigo em todas as circunstâncias, expresso aqui um sentimento sem definição, amor, gratidão, todo junto fazendo de vocês um pedaço de mim.

Aos meus queridos filhos por opção pelas boas energias, José Mateus, Refaella, Ana Clara, Henzo, Hugo, Helloisa, obrigada meu pequenos!

Ao grande exemplo de humildade e generosidade padre Ednaldo Ihe agradeço por todas as experiências que o senhor me proporcionou ao seu lado.

À minha amada mãe de coração que me deu sabedoria em todo, amor, carinho Ana Ferreira, pelos conselhos, palavras por todas as vezes que me acolheu em seu lar me ouviu chorou comigo e nos momentos de riso aqui estávamos juntas!

À aqueles que torceram e colaboraram para meu sonho: o querido Professor Wandemberg Coelho; a Universidade Estadual da Paraíba; aos que fazem a Casa da Cidadania de Campina Grande, meus agradecimentos.

*“Tudo o que existe e vive precisa ser
cuidado para continuar a existir e a viver:
uma planta, um animal, uma criança, um
idoso, o Planeta Terra”.*
(Leonardo Boff)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	DESENVOLVIMENTO	11
2.1	HANS JONAS: VIDA E CONTEXTO	11
2.2	IMPERATIVOS DA ÉTICA KANTIANA.....	16
2.3	RESPONSABILIDADE ONTOLÓGICA	18
3	CONSIDERAÇÕES.....	22
	REFERÊNCIAS.....	24

FILOSOFIA E MEIO AMBIENTE: uma reflexão acerca do pensamento ético de Hans Jonas

Rayssa Barbosa de Andrade¹

RESUMO

A temática que envolve esse trabalho é uma junção entre a filosofia e o Meio ambiente. Apresentaremos aqui essa relação tendo como referência o pensamento ético do filósofo alemão Hans Jonas, o qual destacaremos sua obra *O Princípio Responsabilidade – ensaio para uma ética para a civilização tecnológica* (1979). Buscaremos também, de forma breve, apresentar aspectos biográficos acerca do pensador, ressaltando no pensamento do mesmo a sua teoria da responsabilidade, onde se encontra pautada na relação entre ética e meio ambiente. Rompendo com as éticas tradicionais, Hans Jonas nos aponta as bases para uma nova teoria ética, esta voltada para o homem contemporâneo. Encontramos na proposta Jonásiana o dever do homem para com as gerações futuras e para com a sobrevivência do planeta Terra. Dessa forma, percebe-se que a proposta ética de Jonas é uma ética ecocêntrica, pois a mesma leva à relação entre o ser humano e o meio ambiente (a natureza em geral). Há uma necessidade do homem contemporâneo em preservar o Meio ambiente, isto é, faz-se necessário o cuidado com todos os seres vivos que habitam nosso planeta.

PALAVRAS-CHAVE: Responsabilidade. Filosofia. Meio ambiente. Ética.

1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a ética corresponde ao estudo dos juízos de apreciação referente à conduta do ser humano suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja de modo absoluto ou mediante uma determinada sociedade buscaremos neste trabalho refletir a relação existente entre Filosofia e Meio ambiente tendo como ideia norteadora o pensamento ético de Hans Jonas.

O pensamento ético – filosófico de Jonas parte dos problemas sociais advindos dos avanços tecnológicos que interferem no agir do ser humano. Com isso, ao adentrarmos na filosofia Jonásiana encontraremos esta construção da relação

¹ Aluna de Graduação em Licenciatura em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: rayssa.uepb@gmail.com.br

entre o ser humano com o planeta, bem como a preocupação dele para com o futuro das novas gerações.

A ética Jonásiana está pautada no princípio que o mesmo denominou de responsabilidade. Esta, por sua vez, corresponde não ao aqui e agora, mas uma responsabilidade que reflete o amanhã das novas gerações, uma responsabilidade que se volta também para a natureza.

Neste trabalho, apontaremos como esta proposta ética é pautada numa aliança nova entre o ser humano e a natureza em geral, visto que esta ética traz consigo a responsabilidade da proteção da natureza e das futuras gerações.

Hans Jonas é conhecido principalmente por meio de sua obra publicada em 1979 intitulada *O princípio responsabilidade - ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Esta, por sua vez é composta de seis capítulos e é considerada uma das mais importantes obras do período pós-guerra.

Teremos por metodologia a pesquisa bibliográfica e para fundamentar este trabalho tomaremos a obra *Princípio Responsabilidade: ensaio para uma ética para a civilização tecnológica* (1979) onde Hans Jonas descreve a sua ética, bem como a obra *Princípio Vida: fundamentos para uma biologia filosófica* (2004) do próprio autor, e outras obras e artigos de seus comentadores, buscando assim discorrer acerca da temática aqui proposta.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 HANS JONAS: VIDA E CONTEXTO

Hans Jonas nasceu em Mönchengladbach, no dia 10 de maio de 1903. Estudou filosofia e teologia em Friburgo, Berlim e Heidelberg. Em 1933, Heidegger uniu-se ao Partido Nazista, algo que Jonas tomou pessoalmente, já que era de origem judia e sionista. O fato do grande filósofo cometer tal ato político fez Jonas questionar o valor da filosofia. Deixou a Alemanha e foi para a Inglaterra nesse mesmo ano, e de lá viajou para a Palestina em 1934.

Em 1940 retornou à Europa para participar do Exército Britânico, que havia formado uma brigada especial para judeus alemães que quisessem lutar contra Hitler. Foi enviado à Itália, e até o final da guerra à Alemanha. Assim cumpriu sua promessa de somente retornar à sua terra se fosse como um soldado de um exército vitorioso.

Durante a guerra escreveu numerosas cartas, tanto filosóficas como amorosas, a Lore, com quem se casaria em 1943. Imediatamente após a guerra voltou a Mönchengladbach, para buscar a sua mãe, porém descobriu que ela havia sido enviada às câmaras de gás de Auschwitz. Sabendo disto, rechaçou a idéia de viver outra vez na Alemanha. Retornou à Palestina, e tomou parte na Guerra árabe-israelense de 1948.

Apesar disso, sentiu que seu destino não era ser um sionista², mas ensinar filosofia. Jonas deu aulas na Universidade Hebraica de Jerusalém, brevemente, antes de mudar-se para a América do Norte. Em 1950 foi para o Canadá, ensinando na Universidade de Carleton, e de lá mudou-se para Nova York, em 1955, onde viveu o resto de seus dias. Trabalhou para a Nova Escola de Investigações Sociais entre 1955 e 1976, e morreu em 05 de fevereiro de 1993, aos 89 anos.

Quando adentramos em seu pensamento filosófico percebemos que,

A filosofia de Hans Jonas não só exprime questões de insigne importância teórica como está marcada por um prodigioso sentido histórico-existencial, por tocar nos mais graves problemas do século XX, eventos ao mesmo tempo cruéis, atraentes e inquietantes: as duas grandes guerras, o horror dos

²O Sionismo é um movimento político e filosófico que defende o direito à autodeterminação do povo judeu e à existência de um Estado judaico independente e soberano no território onde historicamente existiu o antigo Reino de Israel.

campos de concentração, a bomba atômica, o avanço desenfreado das tecnologias e a crise dos fundamentos traduzida pelo niilismo cultural (OLIVEIRA, 2015, p. 11).

Como observado na citação acima, identificamos a dimensão contextual ao qual a filosofia de Jonas posiciona-se. Quando pensamos a filosofia contemporânea encontramos em Hans Jonas um grande expoente no que corresponde a área da ética. O filósofo em sua obra *O Princípio Responsabilidade – ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (1979) inicia a mesma apresentando dois princípios na qual a ética deve possuir. Primeiro, a condição humana; com bases nos fundamentos dessa condição e, segundo, o alcance que a ação humana pode chegar. Ou seja, o que o autor quer dizer é que sua questão visa uma diferença humana entre a técnica moderna e a técnica dos tempos antigos.

Para Sófocles (s.d., apud JONAS, 2006, p. 31):

Numerosas são as maravilhas da natureza, mas de todas a maior é o homem! [...] Os bandos de pássaros ligeiros; as hordas de animais selvagens e peixes que habitam as águas do mar, a todos eles o homem engenhoso captura e prende nas malhas de suas redes. [...] E também a abrigar-se das intempéries e dos rigores da natureza! Fecundo em recursos, previne-se sempre contra os imprevistos. [...] Dotado de inteligência e de talentos extraordinários, ora caminha em direção ao bem, ora ao mal... Quando honra as leis da terra e a justiça divina ao qual jurou respeitar, ele pode alcançar-se bem alto em sua cidade, mas excluído de sua cidade será ele, caso deixe desencaminhar pelo Mal.

Jonas utiliza o canto do coral de Antígona de Sófocles como exemplo para descrever o poder e o fazer humano. “Essa passagem de Sófocles parece a Jonas paradigmática no que diz respeito às relações entre homem e natureza, tais como foram pensadas pela tradição da filosofia ocidental” (GIACOIA JÚNIOR, 2000, p. 196). O canto relata uma questão da tecnologia antiga diferente das tecnologias de hoje.

Na antiguidade existia uma tecnologia que não era considerada má, mas tendo recebido certo “poder”, o homem começou a transformar estas tecnologias em algo prejudicial.

Como aponta Giacoia Júnior (2000, p. 196) baseado no Coro de Antígona,

Jonas mostra como o pressuposto fundamental sobre o qual se constrói toda a elegia do fazer humano é impossibilidade de que tal fazer, onde quer que atue e qualquer que seja sua forma e extensão, possa alterar substancialmente o curso da natureza, seus rumos e disposições.

Como destaca Moretto (2015, p. 78), “Sófocles dá a entender que, apesar de todo o poder humano comparado aos animais e outros elementos da natureza, em princípio, o homem é um ser frágil, mas por sua ‘astúcia’ foi capaz de submeter o reino da natureza aos seus interesses”.

Este canto nos faz pensar também sobre o poder e o fazer do ser humano diante de uma conduta praticamente ética. Por meio dele, o filósofo quer alertar sobre como o homem se adapta ao seu habitat natural, no qual busca desenvolver diversas formas para esta sobrevivência.

Para Jonas (2006, p. 32), “o homem é criador de sua vida como vida humana. Amolda as circunstâncias conforme sua vontade e necessidade, e nunca se encontra desorientado, a não ser diante da morte”. Isto ocorre diante de toda a natureza. O que assustará o ser humano será a morte, pois é vista por este como finalidade, ou seja, o fim de todas as possibilidades.

“Os gregos fundaram a ética na ordem natural, cósmica e humana” (PEGORARO, 2013, p. 101). Quer dizer, sem os conceitos de natureza em geral e também de natureza humana não viriam a existir os tratados que conhecemos de ética.

Percebemos que, para os gregos, a ética era limitada ao agir perante o outro ser humano e a pólis. Afastado de uma responsabilidade diante da natureza, o homem grego se responsabilizava com a relação diante de outro ser humano. Com isso, surge o que denominamos de ética tradicional.

Esta por sua vez, se restringe apenas ao que diz respeito ao ser humano no aqui e agora, ou seja, no dado momento. Diante disso, percebemos que Jonas não quer acabar com as éticas tradicionais, mas quer complementá-las, visto que a ética contemporânea não mais condiz com a ética clássica. Sai de cena a ética considerada tradicional para dar espaço à ética da responsabilidade apresentada por este filósofo.

O ponto de partida de Hans Jonas é a preocupação com o planeta, ou seja, o cuidado com a natureza. Para ele, uma promessa de tecnologia moderna se convertia no dado momento em ameaça. Esta ameaça não se remete apenas à destruição da natureza, mas também para a destruição da espécie humana. Entretanto, a ética tradicional nunca esteve voltada para esta perspectiva, desenvolvimento tecnológico que trazem males para o futuro da humanidade.

O que poderá orientar a humanidade serão as previsões do perigo, que através de seu compromisso revelam-se os princípios éticos que irão nortear as obrigações perante o futuro da vida humana, e também para com a natureza.

O objetivo de Jonas é apresentar uma ética que tenha como princípio a responsabilidade, contrapondo-se a ética existente, pois até hoje a ética preocupou-se apenas com o bem do homem.

Àquela época, como vimos, a técnica era um tributo cobrado pela necessidade, e não um caminho para um fim escolhido pela humanidade – um meio com um grau finito de adequação a fins próximos claramente definidos. Hoje, na forma da moderna técnica, a *tékhnē* transformou-se em um infinito impulso para adiante, seu entendimento mais significativo. Somos tentados a crer que a vocação dos homens se encontra em contínuo progresso desse empreendimento, superando-se sempre a si mesmo, rumo a feitos cada vez maiores (JONAS, 2006, p. 43, grifo do autor).

Diante do exposto, percebemos que agora a relação do homem com a natureza modificou-se. Isto é, o que antes era uma relação pautada pela necessidade, hoje ela é marcada pelo domínio e por que não dizer, pela exploração. Como destaca Moretto (2015, p. 82) que “a natureza passou ser compreendida em seu aspecto mecanicista e não mais em seu caráter orgânico – vitalista”.

Segundo Hans Jonas, o homem, através das inovações tecnológicas, destrói a natureza para o crescimento da civilização. Como nos alerta Oliveira (2014, p. 121), “é o excesso de poder que impõe ao homem a responsabilidade. Isso porque a técnica confere ao homem o que antes só a religião lhe havia dado: ser administrador ou guardião da Criação”. Neste sentido, o ser humano está na posição de criador dos meios da sua própria existência, não teme as consequências que poderão ser causadas, ele teme apenas a sua própria morte.

Mas o homem esquece que a natureza tem suas próprias leis, as quais não podem ser mudadas e nem mesmo controladas, inclusive pela tecnologia científica. A ciência por mais desenvolvida que venha a ser, não possui poder sobre a natureza. O meio ambiente pode até ser transformado, mas as leis da natureza se mostram cada vez mais inatingível pelo homem, que pretende dominá-la.

Tendo apresentado os princípios da ética, Jonas mostra as características destas até os dias atuais. Ele faz um paralelo do agir humano do passado com o estado atual das coisas, através de cinco pontos, são eles: 1º O domínio da habilidade (*techené*); 2º Relacionamento direto de homem com o homem (toda ética tradicional é antropocêntrica); 3º A entidade “homem” e sua condição fundamental

eram consideradas como constante quanto à sua essência; 4º O bem e o mal, como o qual o agir tinha de se preocupar; 5º Todos os mandamentos e máximas da ética tradicional, [...] demonstram esse confinamento ao círculo imediato da ação.

Para Jonas, a ética tradicional vai perdendo forças para um novo tipo de ética, por causa do avanço da técnica moderna. Assim, o autor descreve as novas dimensões da responsabilidade, levando em consideração o que era ética do próximo para os antigos, vejamos:

Essa esfera torna-se ensombrecida pelo crescente domínio do fazer coletivo, no qual o ator, a ação e feito não são mais os mesmos da esfera próxima. Isso impõe à ética, pela enormidade de suas forças, uma nova dimensão, nunca antes sonhada, de responsabilidade (JONAS, 2006, p. 39).

Surge um termo que passará por toda ética apresentada por este filósofo alemão, a responsabilidade. “A responsabilidade está, assim, a cargo do ser humano, aquele que se faz mais livre e, por isso mesmo mais responsável. Para Jonas, tal responsabilidade está amparada na fragilidade da vida, [...]” (OLIVEIRA, 2015, p. 26).

Esta responsabilidade deveria ser perante todos os seres vivos. Diferente dos gregos, a ética deveria neste momento ser também para com a natureza. Para ele, “a natureza como uma responsabilidade humana é seguramente um *novum* sobre o qual uma nova teoria ética deve ser pensada” (JONAS, 2006, p. 39, grifo do autor).

O filósofo, no capítulo do livro I na parte 4 intitulada Tecnologia como “Vocação” da humanidade, deixa bem claro que nos dias atuais a técnica é um caminho escolhido pela humanidade e, em cada dia esta humanidade busca cada vez mais o seu aprimoramento. Assim, o ser humano acaba por não se preocupar com o futuro da humanidade, acaba por preocupar-se com o sucesso de si, utilizando a tecnologia, no qual poluem o mundo com o seu desenvolvimento.

Neste sentido, uma sociedade desenvolvida será aquela que possuir maior ciência (técnica). O pensador nos mostra que “não há nada melhor que o sucesso, e nada nos aprisiona mais que o sucesso” (JONAS, 2006, p. 43). Isto é, todo mundo nos cobra isso e nós mesmos nos cobramos também, por isso nos aprisionamos a ele. O não sucesso nos leva muitas vezes ao estado de não aceitação, que acarreta um estado de depressão.

Sendo então aprisionados pela ciência, “a diferença entre o artificial e o natural desapareceu, o natural foi tragado pela esfera do artificial” (JONAS, 2006, p.

44). Sendo assim, podemos ver que o natural e o artificial se confundem um ao outro e acabamos por não saber mais quem é quem.

É neste aspecto do artificial adentrando no natural que Hans Jonas se preocupa com o futuro das próximas gerações, no que condiz com o planeta. Com isso, ele percebe que deverá romper com o imperativo categórico de Kant, pois o mesmo não é mais suficiente para atualidade. Para Kant sua ética é pautada no aqui e agora. Jonas está preocupado no que vem após, aquilo que vem futuramente. E para romper com este imperativo kantiano, ele aponta-nos alguns novos imperativos. Estes seriam de acordo com o novo tipo de agir humano (KANT, 2006).

Isto é, “essa nova dimensão do agir humano é ampliada pelo poder tecnológico numa tal magnitude de força e potencial que dela decorre uma nova, outrora jamais sonhada, dimensão de responsabilidade” (GIACOIA JÚNIOR, 2000, p. 197).

Os novos imperativos criados por Hans Jonas são: I. Aja de modo a que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra; II. Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida; III. Não ponham em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra. E por fim, a VI. Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer.

Os imperativos propostos por ele é de ordem racional para um agir coletivo como um bem público e não individual. Devemos transformar estes imperativos em um dever. O dever é mais importante do que o querer, pois este é algo concreto e real, diferente daquilo que é apenas uma vontade momentânea.

2.2 IMPERATIVOS DA ÉTICA KANTIANA

Para Kant, um dos primeiros filósofos idealistas alemães apresenta-nos em algumas de suas obras a sua filosofia crítica. Para esta reflexão ética nos deteremos a sua obra de 1788, *Crítica da razão prática*. Publicada em 1788, a *Crítica da razão prática*, a segunda das três críticas dá continuidade à sua investigação crítica acerca dos princípios da moral, então iniciada em 1784, com a publicação da *Fundamentação da Metafísica dos costumes*.

Nela Kant analisa as condições de possibilidade para uma moral com pretensão universalista e apresenta mais uma vez o imperativo categórico, forma da lei moral para uma vontade imperfeita. O imperativo categórico – age de tal modo que a máxima da tua ação possa valer como lei universal – é tomado então como um fato da razão, a revelar como essência sua liberdade da vontade, liberdade que é assim compreendida como autonomia.

Kant na Primeira parte dessa obra vem descrevendo a doutrina dos elementos da razão pura prática, onde apresenta como tema “a analítica da razão prática pura” em seu livro primeiro. Logo no primeiro capítulo o filósofo apresenta uma definição das proposições fundamentais práticas. Estas “são proposições que encerram uma determinação geral da vontade, determinações de que dependem diversas regras práticas” (KANT, 2006, p. 33). Continua o filósofo alemão fazendo um paralelo entre máximas e leis práticas.

Existe um conflito opondo máximas e leis práticas, pois enquanto a primeira trata de uma questão subjetiva e a segunda de uma questão objetiva. Podemos exemplificar da seguinte forma: Assim como muitos na história da humanidade, eu posso ter como máxima para a minha vida, passar na vida das pessoas fazendo o bem, sendo uma pessoa justa, bondosa, amorosa. E posso com isso transformar em uma lei prática possibilitando que todos poderão também seguir este preceito.

Para Pegoraro (2013, p. 102, grifo do autor),

O objetivo central da ética kantiana é mostrar que existe uma razão pura prática capaz, por si só, de determinar a vontade sem recorrer à sensibilidade e a operando por si só é, por isso, *a priori*, isto é, anterior à experiência. Portanto, Kant distancia-se definitivamente da razão empiricamente condicionada pela experiência, como pensavam os filósofos gregos e medievais.

Immanuel Kant cria os imperativos para que os seguissem. Estes imperativos são universais, ou seja, são para todos nós, diferentemente das máximas nas quais são subjetivas, ou seja, pessoais. Diferencia dois tipos de imperativos, a saber: o imperativo hipotético e o imperativo categórico. Assim, podemos ver que os imperativos são preposições que possuem a forma de uma ordem, ou seja, em particular de uma ordem que o espírito se dá a si mesmo.

Enquanto os imperativos hipotéticos não é uma obrigação, mas sim uma condição para chegar a um determinado fim. Este não se relaciona com ações necessárias por si só, podendo depender de outras finalidades maiores para serem

realizadas. Estes imperativos estariam ligados à preceitos da habilidade. Eles podem ser afirmativos ou negativos. São afirmativos quando mandam que se pratique uma ação e, ou negativos quando proíbem que se pratique uma ação. Exemplificando tais imperativos hipotéticos temos: de acordo com o art. 183, XII, do CC: "Não podem casar:... XII" as mulheres menores de dezesseis anos e os homens menores de dezoito. Isto equivale a dizer que se a mulher tiver menos de 16 e o homem menos de 18 anos, não poderão se casar.

Já os imperativos categóricos ligam-se às leis práticas. Ordena-se sem condições. Em termos gerais estes imperativos seriam uma obrigação incondicional, ou uma obrigação que temos independentemente da nossa vontade ou desejos.

Estes imperativos também podem ser afirmativos ou negativos. São afirmativos quando impõe uma ação, uma conduta: Respeite a fila! São negativos quando cobra uma conduta omissiva, uma abstenção: Não fume! Também os denominados imperativos categóricos possuem hipóteses, cuja realização atualiza as obrigações que impõem.

2.3 RESPONSABILIDADE ONTOLÓGICA

Hans Jonas ao tratar do Ser e Dever em sua obra *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização* mostra a sua ontologia. Ele começa esta parte mostrando que a axiologia (estudo dos valores) deve ser ontológica. A responsabilidade é ontológica. Ela deverá ser universal, pois o Ser é uma questão universal. A construção da responsabilidade deve ser ontológica, pois é sentimento e razão, aquilo que parte de dentro da gente.

No ponto 9 do capítulo IV da obra citada acima, Hans Jonas nos apresenta que muitos filósofos que trataram da moral reconheceram que era necessário o entrelaçamento do sentimento com a razão. Muitos foram os que discursaram acerca das emoções, uma vez que estas há algo que deveria estar presentes nos sentimentos. Mas estes só se deteram em "formas de determinação desse elemento emocional da ética" (JONAS, 2006, p. 159) e, não praticamente num "sentimento de responsabilidade".

Todo sentimento de responsabilidade que construo em mim é sempre em relação ao outro. Para Jonas (2006, p. 159), "exatamente essa alteridade se apossa da minha responsabilidade, e não se pretende aqui nenhuma apropriação". Isto é,

deve-se estar livre de qualquer apropriação, pois a relação com o outro deve ser uma relação de respeito. Afinal, o outro não é um objeto meu.

Sentimento e Razão andam de mãos dadas. Ou seja, se não houver uma receptividade aos apelos do dever “[...] em termos emotivos, mesmo a demonstração mais rigorosa e racionalmente impecável da sua correção seria impotente para produzir uma força motivadora” (JONAS, 2006, p. 157).

Assim, a ética da responsabilidade apresentada por Jonas têm em si duas esferas, a saber: “[...] um aspecto objetivo e outro subjetivo, aquele tratando da razão e o último, da emoção” (JONAS, 2006, p. 157). Sendo assim, a ética da responsabilidade Jonasiânica encontra-se fundamentada em hipóteses ontológicas, a saber: os conceitos de Bem, Dever e o Ser.

Para Jonas (2006, p. 167), “em primeiro lugar está o dever ser do objeto, e em segundo, o dever agir do sujeito chamado a cuidar desse objeto”. Diante disso, “a vida deve ser compreendida como uma realidade que traz um fim dentro de si, e sua continuidade, preservação e existência fazem dessa finalidade um valor inerente à própria vida”.

Devemos ter em mente que frente às futuras gerações cabe a nós não apenas a conservação biológica, mas a preservação da concepção desse ser humano. Ou seja, somos grandes responsáveis “pela ideia de homem, cujo modo de ser exige a presença de sua corporificação no mundo” (JONAS, 2006, p. 94).

Afinal, como o próprio filósofo afirma: “o que é bom agora para o homem, como ser pessoal e público, também o será no futuro” (JONAS, 2006, p. 210). Percebemos que o Bem tornará um Dever quando existir uma vontade na transformação da ação. Sendo assim, o Bem pode originar uma incumbência, pois “com isso, torna-se um dever, desde que seja uma vontade que assuma essa exigência e trate de realizá-la” (JONAS, 2006, p. 149).

A afirmação do ser da gente é uma afirmação da vida, e com isso estamos afirmando a natureza. Dizer sim a natureza é cuidar e dar significado a natureza como um todo. Jonas tem a intenção de mostrar que os seres vivos devem viver para cumprir com um objetivo, mesmo que seja com ele mesmo. Se o ser humano tem várias finalidades, da mesma forma todos os outros seres têm a sua, mesmo que nos seja desconhecida, devemos respeitar o seu ciclo.

Assim,

O homem bom não é aquele que se tornou um homem bom, mas aquele que faz o bem em virtude do bem. O bem é a causa no mundo, na verdade, a causa do mundo. A moralidade jamais se pode considerar como um fim (JONAS, 2006, p. 156).

Quando pensamos a questão da axiologia, ou seja, dos estudos acerca dos valores, devemos ter em mente que os mesmos podem ser “bem” ou “mal”. Estes relativamente voltados às finalidades. Para Jonas (2006, p 149), “se a natureza cultiva finalidades ou objetivos, como agora supomos, ela também atribui valores”. A finalidade é dar um sim ao ser. É projetar, ter objetivos na vida. Fazer do ser um dever. A finalidade independe de outras coisas. Ela é um fim em si.

Hans Jonas difere “Valor” e “Bem”, ou seja, o valor está ligado à norma. O bem deveria ser maior que o valor. O filósofo mostra que “eu estabeleço alguma coisa como minha finalidade porque ela me é valiosa, ou algo me é valioso porque minha natureza necessita a estabeleceu como finalidades antes de qualquer escolha” (JONAS, 2006, p. 154). Vemos que com isso, antes de nossas escolhas temos as necessidades delas. Depois que escolhemos as transformamos em finalidades, pois todas as nossas finalidades estão pautadas pelas nossas necessidades.

Mais na frente, Jonas mostra que nossas finalidades se tornam valores ou não. Se tem um valor à seguimos, caso contrário agente descarta estas. Perguntamo-nos: será que esta finalidade nos dá prazer? É a partir daí que podemos fazer nossas escolhas.

“Mas aquilo que realmente vale a pena deveria se tornar aquilo que vale a pena para mim; portanto, deveria ser transformado daquele por mim em finalidade” (JONAS, 2006, p.155), nos dizia Jonas.

Hans Jonas nos leva a refletir acerca de nossas finalidades, ou seja, o ser humano precisa viver diante destas. Devemos ter finalidades em nossas vidas, nos preocupando consigo e com o próximo; transformando o Ser quando nós o reconhecemos e lançamos para o Dever. Entra aí o princípio responsabilidade. O cuidado para com o próximo e com a natureza. É melhor ter finalidades na vida do que não as ter. Pois estas finalidades devem ser todas refletidas, pois se encontra em nossa essência.

O “Conhece-te a ti mesmo” é necessário para que o ser humano construa, reflita e direcione suas finalidades, ou seja, o autoconhecimento fará com que o ser humano dê sentido a sua própria existência e, com isso, passe a se preocupar mais sobre os seus próprios atos diante do mundo.

Para Comín (2005, p. 41 apud OLIVEIRA, 2015, p. 68) “[...] o esquecimento do ser não é mais do que o esquecimento dessa condição básica do ser, por uma ‘consideração [meramente] biologicista’”. Hans Jonas (2004, p. 62) questiona-se “se uma biologia mecanicista realmente é capaz de fazer justiça ao fenômeno da vida”.

O conhecer-se só pode se dá através da consciência. Se utilizarmos tal consciência está refletindo e afirmando o Ser, caso contrário estará negando este ser, ao qual nesse caso seria o não-ser.

O ser é todo aquele que reflete, tem finalidades, se afirma enquanto ser. O não-ser é todo aquele que não reflete, não possuem finalidades, não se conhece enquanto ser.

Por fim, Hans Jonas acredita que “somente o fundamento no Ser lhe permite enfrentar a vontade” (2006, p. 156), então o Bem em si, sem depender das coisas exige este tornar-se uma finalidade. Será esta afirmação do ser que me permitirá enfrentar esta vontade.

Pelo que vimos aqui, Hans Jonas foi um dos pioneiros a perceber o quanto a vida se encontra em meio a fragilidades e dependências. Sendo assim, ela está ameaçada pelo avanço contínuo da civilização tecnológica.

Três palavras resumem a meu ver o pensamento filosófico Jonasiiano, a saber: vida, técnica e responsabilidade. Isto é, “[...] porque a *vida* está ameaçada pela *técnica*, é necessária uma ética da *responsabilidade*” (OLIVEIRA, 2015, p. 14, grifos do autor).

3 CONSIDERAÇÕES

Como podemos observar, a obra de Hans Jonas analisa de forma profunda os entraves decorridos da tecnologia pelo próprio ser humano e a orientação e reorientação desse ser mediante a sua ação e a sua responsabilidade com o futuro das próximas gerações. Assim, identificamos que esta relação existente e redirecionada por Jonas do homem e natureza é perpassada pela construção do sentimento de responsabilidade. Isto é, esta relação parte de um novo olhar para com a natureza a qual também fazemos parte.

Observamos neste trabalho que o homem e a natureza tornaram-se objetos da técnica, estas por sua vez como vêm num crescente oferecendo cada vez mais uma reflexão acerca da ética e do respeito à vida.

Percebemos que como o ser humano é uma construção, a ética também é algo construído a partir de nossa reflexão mediante a realidade estabelecida no nosso dia a dia. Assim, percebemos que evoluir é uma característica que parte de uma reflexão. Pelo que vimos à ética embora comece em cada um de nós, ela sempre será ética mediante o outro ser humano.

Consideramos que o filósofo estudado nos fez perceber que estamos a cada dia envolvido com a técnica. Isto é, esta além de fazer parte da história da humanidade, torna-se um processo evolutivo que alguma forma vem marcando este ser humano.

Pelo que vimos no pensamento de Jonas, há uma reivindicação para que haja uma concordância entre o efeito dos atos e a permanência dos seres humanos no futuro. Afinal, “a vida reivindica a vida”.

Em suma, identificamos que ao longo dessas páginas devemos criar em nós esta ética da responsabilidade como criamos um sentimento. Assim, poderemos refletir a cada instante as ações que vamos exercendo em nossa vida e por meio dessas ações, afirmar em nós esta vida que somos. Afirmar a vida que brota da vida é afirmar que somos natureza também.

ABSTRACT

The theme of this work is a junction between philosophy and the environment. We will present here this relation with reference to the ethical thinking of the German philosopher Hans Jonas, which will highlight his work *The Responsibility Principle - Essay for an Ethics for Technological Civilization* (1979). We will also briefly seek to present biographical aspects about the thinker, emphasizing in his thought the theory of responsibility, where it is based on the relationship between ethics and the environment. Breaking with traditional ethics, Hans Jonas lays the groundwork for a new ethical theory, which is directed at contemporary man. We find in the Jonasian proposal man's duty to future generations and to the survival of planet Earth. Thus, it is perceived that the ethical proposal of Jonas is an ecocentric ethics, because it leads to the relationship between the human being and the environment (nature in general). There is a need for contemporary man to preserve the environment, that is, it takes care of all the living beings that inhabit our planet.

KEYWORDS: Responsibility. Philosophy. Environment. Ethic.

REFERÊNCIAS

BECCHI, P. **La vulnerabilità dela vita**: contributi su Hans Jonas. Napoli: La Scuola di Pitagora Editrice, 2008.

COMÍN, I. G. “Introducción a La edición española”. In: **Hans Jonas**: poder o impotência de La subjetividad. Tradução de Illana Giner Comin. Barcelona/ Buenos Aires/ México: Paidós, 2005, p. 13 – 70 (Coleção Pensamento Contemporâneo).

GIACCOIA JÚNIOR, Oswaldo. Hans Jonas: O Princípio Responsabilidade – Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. In: Manfredo A. de Oliveira (Org.). **Correntes fundamentais da Ética contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. São Paulo: Contra Ponto, 2006.

_____. **O Princípio Vida**: fundamentos para uma biologia filosófica. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006, 171 p. (Coleção Grandes Obras do pensamento Universal, v. 62).

MORETTO, Geovani. Técnica. In: OLIVEIRA, Jelson. MORETTO, Geovani. SGANZERLA, Anor. **Vida, Técnica e Responsabilidade**: Três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas. São Paulo: Paulus, 2015 (Coleção Ethos).

OLIVEIRA, Jelson. **Compreender Hans Jonas**. Petrópolis: Vozes, 2014 (Série Compreender).

OLIVEIRA, Jelson. Vida. In: OLIVEIRA, Jelson. MORETTO, Geovani. SGANZERLA, Anor. **Vida, Técnica e Responsabilidade**: Três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas. São Paulo: Paulus, 2015 (Coleção Ethos).

PEGORARO, Olinto. **Ética dos maiores mestres através da história**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SGANZERLA, Anor. Responsabilidade. In: OLIVEIRA, Jelson. MORETTO, Geovani. Sganzerla, Anor. **Vida, Técnica e Responsabilidade**: Três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas. São Paulo: Paulus, 2015 (Coleção Ethos).